

REFLEXÕES PRÁTICO-TEÓRICAS SOBRE O ENSINO DE ARTE: ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Joel CARDOSO¹

Francisco Pereira de OLIVEIRA²

Sonia Moraes PEREIRA³

Recebido: 03/01/2026

Aprovado: 27/03/2026

Resumo

Para além dos muros escolares, muito além de um mero componente curricular, as Artes, em suas diversas modalidades, nos acompanham ao longo da nossa trajetória de vida. O artigo, resultado de teor ensaístico de reflexões, anotações, abordagens, ponderações feitas quando ministramos a disciplina *Fundamentos Teóricos Metodológicos e Prática do Ensino de Artes*, em Outubro de 2025, no município de Maracanã, situado do nordeste paraense, costa amazônica brasileira, para uma turma do Curso de Pedagogia, do Campus Universitário de Bragança, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Pará, na modalidade Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR). Em nível teórico-prático, as reflexões abordadas no recorte aqui empreendido, ainda que muito sucintamente, estão sintonizadas nas seguintes modalidades artísticas: música, dança, teatro, artes visuais e literatura.

Palavras-chave: Ensino de Arte, PARFOR, Educação Pública, Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

PRACTICAL AND THEORETICAL REFLECTIONS ON ART EDUCATION: EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

Abstract

Beyond school walls, far beyond a mere curricular component, the Arts, in their various forms, accompany us throughout our life journey. This article, resulting from an essayistic approach of reflections, notes, approaches, and considerations made while teaching the course *Theoretical and Methodological Foundations and Art Teaching Practice*, in October 2025, in the municipality of Maracanã, located in northeastern Pará, on the Brazilian Amazon coast, for a class of the Pedagogy Course at the Bragança University Campus, Faculty of Education, Federal University of Pará, under the National Plan for Teacher Training in Basic Education (PARFOR). On a theoretical-practical level, the reflections addressed in this excerpt, even if very briefly, align with the following artistic modalities: music, dance, theater, visual arts, and literature.

Keywords: Art Education, PARFOR, Public Education, Early Years of Elementary Education.

¹ Pós-Doutor em Artes (UFRJ/UFF; Doutor em Letras: Literatura Brasileira (UNESP, 2001) Intersemiótica (Munique, Alemanha); Mestre em Letras *Teoria da Literatura* (UFJF/MG, 1996); Graduado em *Letras Modernas: Português Alemão & Pedagogia* (USP/SP, 1986: Licenciaturas plenas); Bacharel em Direito (Instituto de Ciências Jurídicas e Sociais Vianna Junior, 1992). Professor de Música: *Piano Clássico e Composição* (Conservatório Musical Heitor Villa Lobos, SP). Foi diretor adjunto do Instituto de Ciências da ARTE, de dez/2014 a dez/2022. É, desde 2018, professor titular da Universidade Federal do Pará.

² Doutor em Biologia Ambiental (*Biologia de Organismos da Zona Costeira Amazônica*, pelo Programa de Pós-Graduação em *Biologia Ambiental* (PPBA)); Mestre em Biologia Ambiental: *Ecologia de Ecossistemas Costeiros e Estuarinos* pela UFPA; Especialista em Gestão de Sistema Educacional pelo Centro Universitário do Estado do Pará; professor efetivo da UFPA, atuando na Graduação e na Pós-Graduação (Linguagens e Saberes da Amazônia e do Programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental); Pesquisador do Laboratório de Ecologia de Manguezal (UFPA); Pesquisador da Agência de Cooperação Internacional Japonesa (JICA).

³ Mestranda do *Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes da Amazônia* (UFPA), Graduada em Letras (UFPA, 2008); Especialista em *Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa e Literatura* (UFPA, 2009). Foi Bolsista do Laboratório de Informática e da coordenadoria de Extensão-UFPA- (de 2005 a 2008); Professora efetiva Língua Portuguesa e Artes (Pref. Municipal de Ourém/PA); Coordenadora de turma do Programa Federal Brasil Alfabetizado. CARDOSO, Joel, OLIVEIRA, Francisco Pereira de, PEREIRA, Sonia Moraes. Reflexões prático-teóricas sobre o ensino de arte: anos iniciais do ensino fundamental In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS...

Toda prática artística se desenvolve a partir de motivações teóricas implícitas ou explícitas. Ao mesmo tempo toda teoria se alimenta da prática por ela fundada. Elas contribuem mutuamente para sua evolução e sua transformação (Jean-Jacques Roubine, 2003, p. 9).

Quaisquer que sejam as áreas de conhecimento, ensinar pressupõe comprometimento e indubitavelmente envolve questões que, como educadores, nos preocupam cotidianamente. Diversas questões nos preocupam ao iniciar qualquer disciplina. Quem são os alunos que nos aguardam? Quais são os seus interesses, as suas expectativas? O que e como ensinar? Como adequar o conteúdo de forma que se torne atraente para os discentes? Como, no imediatismo do mundo moderno, interessá-los por aquilo que vamos mediar? Como dosar teoria e prática? Se fôssemos enumerar, certamente as inquietações se alinhariam num rosário de contas interminável.

Impossível e absolutamente inútil tentar conceituar o que seja a Arte. Em suas diversas modalidades, em suas formas de expressão, a Arte não cabe nas amarras imediatas e previsíveis dos significados, não se deixa aprisionar pelas definições, não se deixa apreender por limitações cerceadoras. Pode ser tanta coisa. Faz-se presente nas entrelinhas da vida, e pode evidenciar tanto nas pequeninas manifestações cotidianas quanto nos templos a ela dedicados. “Arte”, como diz o poeta Alberto Cunha Melo, “é a beleza que não envelhece”. Mas será só a beleza que, num lapso do tempo, nos emociona?... Arte pode ser o inusitado que num repente nos assalta; a denúncia que se evidencia em gritos de protesto; a feiura que se transfigura; o grito represado na garganta, o convite ao inusitado, ao inesperado; a revisita (com hora ou não marcada) aos nossos sótãos internos; o diálogo, ou o aprendizado da convivência com nossos fantasmas interiores... Interior ou exterior, subjetiva ou racional, *insight* ou lenta maturação, flerte entre deuses e demônios, entre paraísos (sonhados) e infernos (vivenciados); contemplação, envolvimento, interação, lazer, passatempo, embevecimento, distanciamento: em que instância nos posicionamos?... oscilar entre o realismo e o romantismo (ter consciência de um sem abdicar do outro)?...

O ENSINO DE ARTES NOS ANOS INICIAIS...

Quando o tema é Artes, o que efetivamente ensinar?... por onde começar?... quais conteúdos priorizar?... como despertar o interesse das crianças?... Problema primordial: as Artes não existem

CARDOSO, Joel, OLIVEIRA, Francisco Pereira de, PEREIRA, Sonia Moraes. Reflexões prático-teóricas sobre o ensino de arte: anos iniciais do ensino fundamental In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

como disciplina específica nos anos iniciais (1º ao 5º). Só vão, como componente curricular e conteúdo específico, aparecer nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º). São colocadas, segundo o senso comum e mesmo pelos profissionais de ensino, como conteúdo menor, ou secundário. Em outros termos: as Artes não têm o mesmo peso que outras disciplinas, como, por exemplo, Língua Portuguesa, Matemática etc. Em parte, nós, como docentes, somos responsáveis para que isso se perpetue. Temos que mostrar a que viemos. Portanto, missão primeira: é necessário, bem sabemos, mais que significar, permanentemente ressignificar a abordagem das diversas linguagens Artísticas. É imprescindível darmos sentido à prática educativa. Faz-se mais que necessário revalorizar a Arte, abordando-a contextual, inter e transdisciplinarmente. O professor ao ensinar tem que ter em mente que o despertar para as Artes, extrapolando o contexto escolar, nos acompanha na nossa trajetória existencial.

A transdisciplinaridade busca a abertura das disciplinas àquilo que as atravessa e as ultrapassa, não propõe que se abandone as disciplinas, ou que se abandone os processos de ensino. Propõe-se que os contextos educativos, com rigor, abertura e tolerância, busquem religar, globalizar, enfim, transdisciplinarizar os conhecimentos, os saberes, as emoções. Possibilitando a construção de uma nova percepção da realidade, oportunizando a ampliação da consciência e desenvolvendo, assim, o cognitivo, o afetivo, o imaginativo, ampliando o compromisso dos sujeitos com a própria vida, com a vida coletiva, com o bem comum e com a construção de uma consciência planetária (Suanno, 2015, p. 117).

Como docentes, temos que, sem nos atermos a hierarquias, mostrar a autonomia das diversas linguagens artísticas e, ao mesmo tempo, ajudar a ver, a constatar, como essas diversas linguagens dialogam entre si, interconectando-se, interferindo, se misturando umas às outras.

ARTE, LEITURA E ESCRITA...

Os livros estimulam o sonho, a imaginação, a fantasia. Nos transportam a paraísos misteriosos, nos fazem enxergar unicórnios azuis e palácios de cristal. Nos fazem acreditar que a vida é mais do que um punhado de pó em movimento. Que há algo a descobrir. Há horizontes para além das montanhas, há estrelas por trás das nuvens. Estrelas jamais percebidas (Guiomar de Grammont).

Embora não haja hierarquia entre uma linguagem artística e outra, é evidente que a arte da palavra ocupa posição privilegiada no elenco das linguagens. É pela palavra que nós nos comunicamos. São os nossos discursos que nos tornam seres atuantes no mundo, na sociedade, entre os nossos pares. É com a linguagem, com o nosso poder de encantamento e sedução, que abordamos e ensinamos todas as demais linguagens. A palavra é a porta de entrada para nos aprofundarmos em

CARDOSO, Joel, OLIVEIRA, Francisco Pereira de, PEREIRA, Sonia Moraes. Reflexões prático-teóricas sobre o ensino de arte: anos iniciais do ensino fundamental In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

qualquer área do conhecimento. Somos, primeiro, o que fazemos, e, em seguida, aquilo que falamos. Os nossos discursos nos representam, nos autenticam, nos abrem ou fecham portas.

Linguagem Verbal e Não-Verbal

A linguagem verbal é aquela expressa por meio de palavras escritas ou falada, ou seja, a linguagem verbalizada, enquanto a linguagem não-verbal, utiliza dos signos visuais para ser efetivada, por exemplo, as imagens nas placas e as cores na sinalização de trânsito.



Ler é atribuir sentidos àquilo que se lê, é dar significados e apreender as mensagens que os textos veiculados, quer em linguagem verbal, quer em linguagem ou não verbal nos repassam, nos transmitem.

As nossas salas de aula, são, muitas vezes, os únicos lugares nos quais os nossos alunos têm oportunidade de conhecer tais textos em suas especificidades e linguagens artísticas. É função da escola tornar esse espaço suficientemente atraente para que os alunos, ao longo de suas vidas, desenvolvam o amor pela Arte, pela Ciência, pelo Conhecimento, enfim, pelo Aprendizado.

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado (Alves, 2002, p. 29-32).

MÚSICA, MÚSICA, DIVINA MÚSICA:

[...] expressão artística que se materializa por meio dos sons, que ganham forma, sentido e significado no âmbito tanto da sensibilidade subjetiva quanto das interações sociais, como resultado de saberes e valores diversos estabelecidos no domínio de cada cultura. A ampliação e a produção dos conhecimentos musicais passam pela percepção, experimentação, reprodução, manipulação e criação de materiais sonoros

diversos, dos mais próximos aos mais distantes da cultura musical dos alunos. Esse processo lhes possibilita vivenciar a música inter-relacionada à diversidade e desenvolver saberes musicais fundamentais para sua inserção e participação crítica e ativa na sociedade (Brasil, 2017, p. 194).

Música é a linguagem artística que se viabiliza através dos sons. Melodia, harmonia e ritmo. Aos sons, acrescentamos as pausas, os silêncios, os pensamentos (dos mais próximos aos mais longínquos), das lembranças que outrora foram boas ou mesmo ruins. A música reativa memórias de cheiros, de lugares, de gentes, ou seja, a música tem o poder de revivificar, de transplantar memórias. Ela tem a capacidade de desafiar e ampliar a percepção auditiva, refinando-a, tornando-a mais sensível. Caracteriza sons e ruídos, sons e pausas. Discorre sobre ritmos e harmonização. Assim, é sempre de bom tom experimentar, identificar e apreciar músicas brasileiras próprias do universo regional infantil, inclusive aquelas presentes no cotidiano das crianças (canções folclóricas, modinhas populares, cantigas de roda etc.). convém sempre procurar ampliar repertórios. Sair da mesmice. Apresentar as canções de hoje, bem como as de antigamente. Discorrer sobre as diferentes sonoridades, os instrumentos que as produzem tais sonoridades.

É ASSIM A MÚSICA

A música é assim: pergunta,
insiste na demorada interrogação
- sobre o amor?... o mundo?... a vida?..
Não sabemos, e nunca,
nunca o saberemos.
Como se nada dissesse vai
afinal dizendo tudo.
Assim: fluindo, ardendo até ser
fulguração – por fim,
o branco silêncio do deserto.
Antes, porém, como sílaba trêmula,
volta a romper, ferir,
acariciar a mais longínqua das estrelas.

Eugénio de Andrade (poeta português)

Onde é a morada da música?... De onde ela vem?... Como se materializa, como se insere, como nos toca?... A música em suas diversas modalidades está presente nos conjuntos populares, nas bandas e fanfarras, nas orquestras (filarmônicas, sinfônicas), na finesse dos corais, pode ser considerada música popular, música clássica, ou música de câmara, não importa. Mas estas modalidades têm que ser explicitadas de maneira acessível para esse público, para que, assim, ele

CARDOSO, Joel, OLIVEIRA, Francisco Pereira de, PEREIRA, Sonia Moraes. Reflexões prático-teóricas sobre o ensino de arte: anos iniciais do ensino fundamental In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

amplie sua percepção, alargue o seu repertório, conheça novas modalidades. Não há nada de errado em cultivar os nossos ídolos, os nossos artistas prediletos. O errado está em cultivar somente os mesmos artistas, os mesmos ídolos, o mesmo estilo. Cabe ao professor propiciar possibilidades de crescimento, de conhecimento, mostrando, para além do mundo exíguo do aluno, outras formas de estilos musicais, performances dos artistas.

Apreciar e experimentar sonorização de histórias, utilizando vozes, sons corporais e instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, sem dúvidas, faz-nos a querer bater com as mãos, com os pés; a balbuciar sílabas (lá, lá, lá) e quem sabe arriscar cantos, a princípio, destoados, mas é assim que a criança é motivada à iniciação, à comunicação, pois a musicalização no ensino para uma aprendizagem é, além afagar a alma, uma poderosa estratégia dinâmica, plausível e pedagógica.

É desejável reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas. A música se relaciona com tudo: com a dança, com as diversas modalidades de performances, com a dramatização, com a poesia (mensagens, poemas, versos etc.). Por que, então, não aproveitar as sugestões rítmicas existentes na sua comunidade?

Todos estamos inseridos em um contexto sociocultural. Temos à nossa volta, ao nosso alcance, expressões artísticas que podem ser trazidas, mostradas, analisadas e valorizadas. É tarefa do professor conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo nesse processo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

No mundo moderno em que proliferam os mais diversos recursos tecnológicos digitais, podemos, ainda, explorar as mais diversas tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

DANÇA: A EXPRESSIVIDADE CORPORAL

A Dança se constitui como prática artística pelo pensamento e sentimento do corpo, mediante a articulação dos processos cognitivos e das experiências sensíveis implicados no movimento dançado. Os processos de investigação e produção artística da dança centram-se naquilo que ocorre no e pelo corpo, discutindo e

CARDOSO, Joel, OLIVEIRA, Francisco Pereira de, PEREIRA, Sonia Moraes. Reflexões prático-teóricas sobre o ensino de arte: anos iniciais do ensino fundamental In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

significando relações entre corporeidade e produção estética. Ao articular os aspectos sensíveis, epistemológicos e formais do movimento dançado ao seu próprio contexto, os alunos problematizam e transformam percepções acerca do corpo e da dança, por meio de arranjos que permitem novas visões de si e do mundo. Eles têm, assim, a oportunidade de repensar dualidades e binômios (corpo versus mente, popular versus erudito, teoria versus prática), em favor de um conjunto híbrido e dinâmico de práticas (Brasil, 2017, p. 193).

Dançar é a Arte da plenitude, da preponderância, da libertação, da magia do Corpo. Antes de andar, dançamos, assim como antes de escrever desenhamos. Os nossos corpos são movidos por ritmos, por movimentos. Tudo em nós, de uma certa forma, dança. São meios naturais de que dispomos para nos expressar. Harmoniosa ou desarmoniosamente, somos intuitiva e naturalmente seres corpóreos e coreográficos.

As danças estão presentes em nosso cotidiano desde sempre. É necessário que, como professores, experimentemos sempre, que identifiquemos e apreciemos formas distintas de manifestações dançantes presentes no cotidiano escolar (rodas cantadas, brincadeiras rítmicas e expressivas), cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal. Para além do cotidiano, é necessário mostrar outros repertórios de dança mais distantes ou menos familiares da vida dos nossos pequenos.

Dançar é dar vida aos espaços. É testar os nossos limites. É sentirmo-nos vivos. É preencher os espaços com significados, movimentos, sonoridades, ritmos. É experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.

Quem pode dançar?... Todos, dentro dos nossos limites, das nossas restrições, das nossas possibilidades, podemos. Dançar é dialogar, com respeito e sem preconceito, sobre as experiências pessoais e coletivas, em danças vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

Com quais linguagens artísticas a dança se relaciona? Dançar individualmente, em parceria, ou coletivamente? Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.

Como são as manifestações dançantes em nossa comunidade? Que outras modalidades de dança existem em outras culturas? Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo neste processo, quando possível, matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas. Isso favorece a construção de vocabulário e

CARDOSO, Joel, OLIVEIRA, Francisco Pereira de, PEREIRA, Sonia Moraes. Reflexões prático-teóricas sobre o ensino de arte: anos iniciais do ensino fundamental In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

repertório relativos às diferentes linguagens artísticas. Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

TEATRO, A ARTE DA REPRESENTAÇÃO...

O Teatro instaura a experiência artística multissensorial de encontro com o outro em performance. Nessa experiência, o corpo é lócus de criação ficcional de tempos, espaços e sujeitos distintos de si próprios, por meio do verbal, não verbal e da ação física. Os processos de criação teatral passam por situações de criação coletiva e colaborativa, por intermédio de jogos, improvisações, atuações e encenações, caracterizados pela interação entre atuentes e espectadores. O fazer teatral possibilita a intensa troca de experiências entre os alunos e aprimora a percepção estética, a imaginação, a consciência corporal, a intuição, a memória, a reflexão e a emoção (Brasil, 2017, p. 194).

Na maioria dos municípios paraenses não existem Teatros, Cinemas. Muitos dos nossos alunos nunca frequentaram nenhum desses lugares. Falar do Teatro como arte, como processo de interação e aprendizado se converte em um desafio maior.

Todos representamos o tempo todo. Todos somos, de algum modo, atores. No imenso teatro da vida, para sermos nós mesmos, todos incorporamos outras personalidades, performatizamos e fingimos. Todos, dependendo da situação, da necessidade, por conveniência ou não, assumimos posturas diversas das que comumente nos configuram interiormente. Mas é evidente que não é a esse teatro que nos referimos, mesmo sabendo que viver em sociedade exige encenações, performatividades, representações. É importante que o professor desvende, ainda que parcialmente, parte desse universo tão importante tão significativo. O que é o Teatro senão essa Arte da Representação?... Trata-se de um universo mágico. Para o teatro, para o ato da representação o impossível não existe, já que tudo é passível de representação.

O professor deve discorrer sobre o que é teatralizar, dramatizar, representar, enfim, teatralizar... Quando, onde e por que representamos?... Reconhecer e apreciar histórias dramatizadas e outras formas de manifestação teatral presentes em seu cotidiano (inclusive as veiculadas em diferentes mídias, como TV e internet, e em espaços públicos), cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional. Quais as modalidades textuais que compõem o repertório teatral?

Exercitar a improvisação e o faz de conta, recriando, ressignificando objetos, histórias, lendas, mitos e fatos. Representar é experimenta-se, é se colocar no lugar do outro. Em sala de aula (ou não), como atividade prática e didática, é necessário reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas. Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.

O Teatro tem história? É claro que tem!... Então, quem, em nosso país, melhor representa ou representou o nosso universo teatral? Quais os principais nomes e peças?... Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Há uma confluência de recursos e meios que acompanham as experiências teatrais: os cenários, os figurinos, a mímica, as músicas, os adereços. É possível, também, explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística. Independentemente de qualquer teorização, os recursos, os meios empregados para a concepção e viabilização teatral devem se adequar aos propósitos da montagem, tendo sempre em vista o público a que se destina. Ao fim e ao cabo, é o público o nosso crítico maior. É para ele que concebemos e representamos as obras teatrais.

ARTES VISUAIS:

As Artes Visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. As Artes visuais possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas (Brasil, 2017, p. 193).

Nas artes visuais o elemento essencial é o trabalho com as cores em todos os seus matizes, em todas as suas nuances. Como elas se distribuem?... Como se efetivam ante o nosso olhar?... Cores são repertórios representativos. Nas pinturas, gravuras, quadros, xilogravuras, cenários, paisagens etc., cores que ganham vida, transmitem mensagens, desafiam o nosso olhar. É de Wassily Kandinsky

(1886-1944), pintor e professor russo, pioneiro na arte da abstração, a afirmação “as cores influenciam diretamente a alma”. As cores ativam a nossa sensibilidade, mexem com nosso inconsciente.

Para a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental o professor deve trazer para a sala de aula exemplo de pinturas (de paisagens, de seres humanos, realistas, abstratos etc.), desenhos, gravuras, charges, caricaturas, recorrendo pormenorizada e didaticamente sobre as especificidades de cada uma dessas modalidades. São atividades pertinentes ainda aprender a Identificar e apreciar a modelagem e a colagem como modalidades das artes visuais, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

Imagens são textos. Como textos, veiculam mensagens, fazem descrições, contam histórias, sugerem, provocam, promovem diálogos, acessam memórias, relembram, remetem e reforçam o paladar de uma fruta, de uma comida típica ou não, trazem texturas, cores ativam todo o nosso sistema sensorial. Ainda como possibilidade importante de abordagem, o professor pode trazer a história da arte, da pintura, discorrer sobre os estilos. Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas. Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

No ensino de Artes é sempre imprescindível estimular a imaginação, observar sempre, não se ater a estereótipos. A sala de aula pode se converter em um local apropriado para que o professor mostre novos repertórios em todas as linguagens. Podemos, assim, investir na depuração dos gostos. Contrariando o dito popular, *gosto é que se discute, se educa, se refina, se aprimora*.

Arte pode ser representação da realidade, mas pode (deve), também se configurar, concomitantemente, como invenção, libertação, denúncia, protesto, criatividade, voo imaginário etc. As nossas percepções auditivas, visuais, corporais podem ser ativadas. Atuar com Artes Visuais nas séries iniciais nos proporciona ‘n’ oportunidades para a manipulação de objetos (sejam eles físicos, sonoros ou de outra modalidade qualquer). Podemos valorizar o trabalho individual, mas, principalmente, o trabalho em grupo. E assim perceber, de uma forma geral, a comunhão, a parceria, a cooperação, enfim, colocando em foco a onipresença das artes em nossas vidas. Cada obra de arte, em sendo arte, é única, original, tem valor em si mesma. “A obra de arte não quer transmitir coisa alguma senão a si mesma” (Wittgenstein).

LITERATURA INFANTI: O TEXTO POÉTICO...

Ler, para mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso!” (Abramovich. 1989, p. 14).

Ler o mundo, ler os textos, os contextos, ler as entrelinhas. Ampliar os nossos modos exíguos de percepção e apreensão do mundo e da realidade que nos circunda. Desenvolver a capacidade de pensar, de ampliar repertórios, de adquirir conhecimento, de incentivar a imaginação, de empreender novos voos. Ler, enfim, para ser. Para aprender a nos conhecer.

Quando o professor, nas séries iniciais, consegue seduzir o aluno, fazendo-o perceber a importância da leitura, esse aluno vai se tornar efetivamente um leitor. Leitor para atuar na vida, para interferir convincentemente no cenário social. E quando o aluno aprende a ler, ele se torna proficiente não só na língua portuguesa, na leitura dos textos escritos, mas em todas as demais modalidades disciplinares. Para além dos muros da escola, aprender a ler é fundamental para a vida.

Durante muito tempo, a literatura infantil foi vista como um gênero menor. Prevalcia a ideia de que livros para crianças deveriam sempre ser simplistas e triviais. Os estudos a respeito da literatura infantil mostram que, de um lado, existia o livro para o adulto, — “a verdadeira literatura” e, do outro, a literatura considerada menor, feita para crianças, que não contava com o mesmo prestígio e inovação da primeira (Colomer *apud* Silva, 2019, p. 21).

Para ter sucesso em sua prática, o professor, em sendo um leitor mais experiente, precisa ter o cuidado de adequar o repertório de leituras que disponibiliza para esses leitores incipientes. Ler é, de certa forma, ganhar autonomia, libertar-se, tornar-se senhor de si mesmo, tornando-se apto para se inserir em quaisquer contextos. A Literatura é uma das muitas portas que se abrem para facultar esses processos.

A literatura é a porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de cada um. Tudo o que lemos nos marca (Lajolo, 2010, p. 44-45).

Ler é sempre buscar, principalmente nos anos iniciais, relacionar conteúdos por meio da ludicidade. Ler é aprender relacionar ao nosso o pensamento do outro. Ler é crescer juntos. Ler não para prioritariamente concordar ou discordar, mas para refletir, indagar, questionar (e ao mesmo tempo se autoquestionar), crescer, ponderar. Só cumprimos nossa tarefa docente na íntegra quando CARDOSO, Joel, OLIVEIRA, Francisco Pereira de, PEREIRA, Sonia Moraes. Reflexões prático-teóricas sobre o ensino de arte: anos iniciais do ensino fundamental In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

conseguimos que nossos alunos, ganhando autonomia, independentemente da nossa participação, adquiram o prazer da leitura.

A leitura não deveria ser encarada como uma obrigação escolar, nem deveria ser selecionada, vamos dizer, na base do que ela tem de ensinamento, do que ela tem de 'mensagem'. A leitura deveria ser posta na escola como educação artística, ela devia posta na escola como uma atividade e não como uma lição, como uma aula, como uma tarefa. O texto não devia ser usado, por exemplo, para a aula de gramática, a não ser que fosse de uma maneira muito criativa, muito viva, muito engraçada, muito interessante, porque se assim não for faz com que a leitura fique parecendo uma obrigação, fique parecendo uma tarefa e aquela velha frase de Monteiro Lobato – 'É capaz de vacinar a criança contra a leitura para sempre' (Rocha 1983, p. 4).

A arte oportuniza fruição e conhecimento, de tal modo possibilita a construção de interpretações, análises e compreensões sobre a vida, sobre temáticas e sentimentos, o que pode potencializar a humanização das pessoas. De tal modo, o direito ao acesso à arte (poesia, literatura, música, dança, teatro...) têm potencial sensível e formativo para 'ajudar a viver' (Todorov, 2006), pois a arte dá forma às percepções, emoções e visões de mundo, assim, expressam culturas, pensamentos, sentimentos e retratam a sociedade que a produz, tendo potencial humanizador e emancipador (Morin, 2009, p. 44).

ARQUITETURA & ESCULTURA:

Somos seres naturalmente movidos por um senso estético. Tanto a Arquitetura quanto a Escultura são linguagens pouco trabalhadas nas séries iniciais. Há, no entanto, muita coisa a se dizer sobre elas. Através delas percebemos a nuances da paisagem, as diferenças e semelhanças entre um lugar e outro.

Buscando harmonia entre a natureza e aquilo que o homem constrói, buscando, paralelamente conciliar beleza, conforto e praticidade necessidades básicas dos seus usuários, paisagismo é a organização do espaço externo. Formas, volumes, cores, iluminação, movimentos, sons confluem para formar a paisagem, e esta paisagem é tudo aquilo que o nosso olhar abarca, tudo o que vemos. São a Arquitetura e a Escultura que conferem identidade aos lugares, às cidades, aos espaços rurais.

Normalmente, não prestamos atenção à paisagem, aos pormenores nos caminhos por onde transitamos. O nosso olhar se habitua, se anestesia, e, assim, olhamos, mas não vemos em profundidade. Mais que conhecer, é necessário reconhecer as minúcias, os pormenores, os detalhes. Arquitetura e Escultura são modalidades de arte cujo foco está na produção de objetos tridimensionais que representam figuras reais ou imaginárias. Esculturas conferem identidade à Arquitetura local, personificando os ambientes, as paisagens. São a alma dos lugares. A disposição das praças, a beleza

CARDOSO, Joel, OLIVEIRA, Francisco Pereira de, PEREIRA, Sonia Moraes. Reflexões prático-teóricas sobre o ensino de arte: anos iniciais do ensino fundamental In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

dos jardins, pontes, viadutos, canais, catedrais, teatros, escolas, cemitérios, museus, tudo isso que o nosso olhar capta nos dá a dimensão do que seja uma cidade, um centro urbano ou rural, uma vila, um bairro. Os casarões antigos, os prédios históricos, as construções mais modernas, os centros comerciais, os parques, os portais, as luminárias, os estabelecimentos comerciais, as estátuas, os vasos, os prédios públicos, o calçamento das ruas e seus bancos etc. tudo isso merece a nossa atenção.

A Arquitetura, em suma, é a arte de criar e permanentemente recriar espaços (urbanos ou rurais) que deem conta das necessidades e atividades do homem, tendo sempre em vista diversas especificidades: a funcionalidade, a beleza, a técnica, a sustentabilidade, o conforto, o bem-estar, a praticidade, o conforto, levando sempre em conta os aspectos estéticos e, naturalmente.

Artes paralelas, as esculturas, por sua vez, embelezam, valorizam e personalizam os projetos arquitetônicos.

O CINEMA NA SALA DE AULA...

O cinema opera uma espécie de ressurreição da visão primitiva do mundo, permite, tolera e inscreve o fantástico no real.

Edgar Morin (2003, p. 19).

Mais que mero entretenimento, o cinema ainda tem sido incompreensível e inexplicavelmente muito pouco utilizado em nossas salas de aula nas séries iniciais. Quando presentes, os filmes se transformam em pretextos para preencher o tempo, para suprir a ausência dos professores que eventualmente faltam, para substituir uma aula não planejada. Que pena! Como driblar essa situação? Antes, portanto, de apresentarmos um filme para os alunos convém perguntar?

Qual o uso possível deste filme? A que faixa etária e escolar ele é destinado? Como vou abordar o filme dentro da minha disciplina ou num trabalho interdisciplinar? Qual a sua contribuição na relação ensino-aprendizagem? Qual é o objetivo didático-pedagógico geral da atividade? Qual é o objetivo didático-pedagógico específico da atividade? (Napolitano, 2009, p. 19-20).

Se respondermos minimamente aos questionamentos acima propostos, estamos aptos para um trabalho produtivo com filmes. Tanto quanto os livros, tanto quanto as demais linguagens, os filmes podem ocupar um lugar relevante na educação dos nossos pequenos. O cinema concentra em si todas

CARDOSO, Joel, OLIVEIRA, Francisco Pereira de, PEREIRA, Sonia Moraes. Reflexões prático-teóricas sobre o ensino de arte: anos iniciais do ensino fundamental In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

as demais linguagens artísticas. Levando em consideração esse aspecto é possível múltiplas abordagens.

A escola e o professor devem saber identificar tais recursos, quais as implicações psicopedagógicas no receptor, em que gênero de programa determinado conteúdo está sendo veiculado, se o conteúdo escolar está sendo revestido por uma mensagem ideológica mais precisa ou não (Napolitano, 2009, p. 21).

Muitos são os filmes que podem ser utilizados com as crianças nos seus anos iniciais na escola. A melhor opção para a escolha de filmes para essa faixa etária deve incidir, sobretudo, em filmes de curta duração, para que seja possível manter a atenção dos educandos integralmente. Projetar o filme apenas uma vez, talvez não baste. Em sendo um filme curto, podemos repassar o filme, comentar, chamar a atenção para pontos significativos do filme que objetivaram a sua escolha. O professor, ao se valer de um filme, deve estar junto dos alunos. Deve ser um expectador participativo. Deve comentar, mostrar, ressaltar pontos e temas significativos.

Quando um filme é apresentado para os nossos alunos, temos que ter em mente que ele é uma obra de arte com a qual os alunos têm, de alguma forma, que se identificar. Se não houver essa conexão, não faz sentido.

Assim, o processo que chamamos de 'identificação', uma das chaves da legibilidade (inteligibilidade) do filme, nunca deve ser pensado como um monólito, mas como um sistema maleável (embora consistente) de trocas provisórias, em que os vários olhos do filme (entre os quais o do espectador) se substituem segundo um modo de agenciamento que pode ser fechado ou aberto, 'centralizado' ou múltiplo, de acordo com cada filme. Habitar o texto fílmico como um 'leitor' é se dividir para ocupar muitos lugares ao mesmo tempo e experimentar o outro como uma entidade móvel e escorregadia (Machado, 2007, p. 99)

Ao assistir a um filme, nós momentaneamente nos libertamos das nossas preocupações cotidianas, deixamos a nossa vida um pouquinho de lado e vivemos as peripécias do que está sendo apresentado na tela. Tudo conflui para que isso ocorra: a história, as imagens, os sons e ruídos, a ilusão de movimento, as paisagens etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS...

Mestre não é quem sempre ensina,
mas quem de repente aprende.
João Guimarães Rosa (1908-1967)

Antes de tudo, é preciso que gostemos do nosso mister, é preciso que estejamos disponíveis para aprender a aprender com tudo e com todos, principalmente com os nossos alunos. Sem aprendizado não há crescimento. Na vida, são imprescindíveis três coisas: a humildade de nunca nos sentirmos superior a quem quer que seja; a coragem de, com determinação, com firmeza, buscar solucionar as muitas situações adversas que surgem no nosso dia a dia; e ter, em determinados momentos, a sabedoria de se calar diante da estupidez de certas pessoas. Nesse último caso, esperar o momento adequado para que, com leveza, mas com clareza e pertinência, com ponderação, voltemos a trazer de volta assuntos espinhosos.

As aulas de arte devem ser prazerosas, leves, interativas. Não se aprende arte com cobranças e exigências desnecessárias e, por vezes, absurdas. Arte é ludicidade, leveza, soltura, voo, liberdade, descoberta, imaginação. Toda criança possui algum potencial artístico. Cabe ao professor observar, descobrir e investir na potencialidade artística intuitiva que cada um traz. Aprender Arte é aprender ver, ouvir, sentir, analisar, refletir, propor, questionar, se inserir e criar. Ver as coisas para além dessas mesmas coisas. Lembrando que a nossa percepção (e, por conseguinte, nossa apreensão) é particular. Somos, como docentes, degraus para a ascensão maior dos nossos alunos. Isso não quer dizer que devemos abdicar da liderança, da autonomia, da administração consciente ao ministrarmos as nossas aulas. Mais que estar presentes nas salas de aula é preciso viver e se inserir prazerosa e convincentemente no contexto de que fazemos parte.

Por ser um artigo, deixamos de abordar muitas outras modalidades de Arte: a fotografia, os quadrinhos (e suas diversificações, as tirinhas, as charges, as caricaturas etc.), a arte circense, a palhaçaria, os desenhos, as ilustrações, as litografias, a mímica, as artes virtuais (tão em voga nos nossos dias), as instalações, as artes marciais etc...

Todas as modalidades artísticas foram se modificando, ganhando novos contornos, se amoldando à passagem do tempo. Com o estudo da História da Arte já vamos nos conscientizando da modificações que as Artes foram incorporando, criando, inovando. Enfim, trabalhar com Arte é, ao mesmo tempo, um desafio permanente e, indubitavelmente, um privilégio.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.

ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. São Paulo: Papirus, 2002.

CARDOSO, Joel, OLIVEIRA, Francisco Pereira de, PEREIRA, Sonia Moraes. Reflexões prático-teóricas sobre o ensino de arte: anos iniciais do ensino fundamental In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Versão final. Brasília: MEC/SEB, 2017.

GRAMOMONT. Guiomar de. *Ler devia ser proivido. – Simplifica Português*. Disponível em LER DEVIA SER PROIBIDO – Guiomar de Grammont – Simplifica Português. Consulta em 12.10.2025.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

MACHADO, Arlindo. *O sujeito na tela: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço*. São Paulo: Paulos, 2007.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução: Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.

ROCHA, Ruth. *Pra não vacinar a criança contra a leitura. Leitura: teoria & prática*, v. 2, p. 3-10, out. 1983.

ROUBINE, Jean-Jacques. *Introdução às grandes teorias do teatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SILVA, Danúbia Jorge. *Matéria de poesia: por uma formação leitora na sala de aula*. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – CEPAE, UFG, Goiânia, 2019.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. *Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade*. Brasília: 2015. 493 f. Tese (Doutorado Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Católica de Brasília.